

# *Inuvicta* *CINE*

ANO X

N.º 163

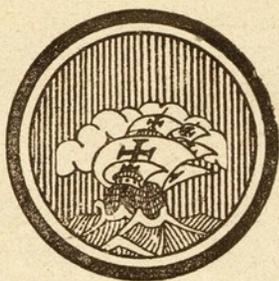


GRETA GARBO

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>os</sup>



# Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ROBERTO LINO**  
E  
**SOUTINHO D'OLIVEIRA**  
REDACOR PRINCIPAL:  
**ALVES COSTA**  
ADMINISTRADOR:  
**JOAQUIM TEIXEIRA**  
PROPRIEDADE DA  
**EMPRESA INVICTA-CINE**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:  
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X  
Número 163  
PORTO  
2 DE ABRIL  
1932

REDACTORES:  
LISBOA: FERNANDO BARROS  
E AGUINALDO MACHADO  
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT  
GAILLARD, GÉO POIRIER E MAURICE  
HILÉRO  
NOVA-YORK: ARTUR COELHO  
BERLIM: SIMON HAIMOVICI  
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO  
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG  
COLABORADOR ARTÍSTICO:  
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO  
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## VISITE

A NOVA SECÇÃO DE  
**PORCELANAS**

DA CHINA E DO JAPÃO

## RADIO-PORTO

156 -- AVENIDA DOS ALIADOS -- 162

Os leitores já notaram como a Lilian Harvey cada vez está mais encantadora? E' um perfeito amorzinho... Dentro em breve vai aparecer-nos em "Dois Corações a Compasso" ao lado do simpático Henry Garat. Não deixem de a ir ver, não?



## No meio dum público popular

Tôdas as semanas, e creio que mais do que uma vez por cada, os jornais *Pírolito* e *Sporting* organizam sessões de cinema quasi gratuito na espaçosa nave do Palácio de Cristal. O preço de um escudo por entrada é altamente convidativo. Enquanto as salas de primeira categoria se vêem muitas vezes privadas dum público farto, por muitos esforços que façam para chamar a atenção sôbre os filmes que levam, e por muito bons que sejam êsses filmes, o Palácio, fazendo reposições de filmes antigos, atrai, pela modicidade dos seus preços, uma multidão compacta de gente humilde, que vê no cinema o seu divertimento favorito e — o que é importante — um divertimento que não lhe causa grandes alterações nas «finanças».

Na sexta-feira da semana passada, os jornais anunciavam a exhibição do filme de Dreyer, *A Paixão de Joana d'Arc*, na tela eternamente porca do Palácio. A notícia interessava-me. Por um lado, porque tinha assim uma ocasião de rever essa bellissima composição cinematográfica, e por outro porque gostaria de me pôr em contacto, ainda que indirecto, com o público popular que assistiria ao espectáculo.

Convidados três camaradas a acompanharem-me, lá fomos sob um chuveiro muitíssimo pouco convidativo, mas absolutamente apropriado a uma sexta-feira santa.

Tomadas as nossas posições e assente o nosso «arraial», num dos quadriláteros que recortam as galerias que ladeiam a nave e a que chamam cômicamente camarotes, dei o primeiro golpe de vista sôbre a gente que se apinhava, a meus lados e em baixo, em bancos toscos e particularmente incômodos. Mais, talvez, de duas mil pessoas enchem a nave: Homens, mulheres e rapazio. Gente que trabalha nas fábricas e nas oficinas, gente de profissões grosseiras e modestas, de aspecto sujo, chamando-se a gritos, movimentando-se como um mar, palrando numa vozearia que a extensão da nave faz ecoar. Pelo ar, um cheiro perturbante e desagradável, anunciando-nos a proximidade das feras da menagerie Hagenbeck.

*A Paixão de Joana d'Arc* abre o programa. Vocês ainda se devem lembrar daquelas imagens como só Dreyer soube compor, imagens duma «obra cheia de dignidade e altamente sincera»<sup>(1)</sup>; ainda se devem recordar daqueles impressionantes grandes planos, retratando almas, e daquela figura de mártir, tão verdadeira, tão sincera, tão profundamente emocionante em tôda a sua singeleza, que Falconetti criou com um talento raro. O público vê o filme em silêncio, com calma. Não deve compreender o conflito que se desenrola diante de seus olhos, como não deve compreender e assimilar a beleza única da «composição visual» que desfila na tela. Mas vê o filme sem manifestar desgosto, lendo as legendas em voz alta e pedindo música, de quando em quando, sempre que a orquestra se conserva calada por demasiado tempo. Para o fim, porém, a repetição daqueles planos cheios de expressão, em que Dreyer nos revela o mais íntimo sentir dos seus personagens, parece cansá-lo. Aquella cena em que Joana acusa os juizes, exclamando:

«Vós sois uns demónios!» e os vai apontando, dizendo: «e vós... e vós... e vós», ocasiona um pretexto de «blague». Um rapazote, passada essa cena, corta o silêncio da sala exclamando enfática e periódicamente: «e vós!», o que provoca risos. Mas ninguém manifesta nitidamente enfado.

De repente — e êste facto é muito curioso e sintomático — o público murmura, remexe-se. E' a cena da comunhão de Joana. Diante do cerimonial religioso, êsse público que se manteve calado até aqui, mostra agora a sua antipatia pelos padres ou a sua indiferença pela religião. A' vista dos sacerdotes com os paramentos, ouvem-se risadas de troça. Começa o borbório. Já não se pensa muito na história que se está desenrolando; aqui, ali e além riem-se duma cerimônia em que não creêm. No momento em que o padre ergue a hóstia, cruzam-se ditos: «Chupa que é cana doce», dizem dum lado em ar de risota. «Há-de-te servir de muito», exclamam mesmo atrás de mim. E quando Joana engole a hóstia: «Então que tal te soube?»...

Mas volta logo a calma. As cenas finais são violentas, e a visão daquela mulher morrendo queimada não pode deixar de causar uma certa emoção.

Acabou o filme. A rapaziada já não «liga meia» ao que acabou de ver. Alterca-se, levanta-se, senta-se, está inquieta. Noto no meio da multidão algumas mulheres com criancinhas de peito. Nós, cá em cima, com ar superior, recordamos os «bons tempos» do silencioso, que tão grandiosas obras nos dera.

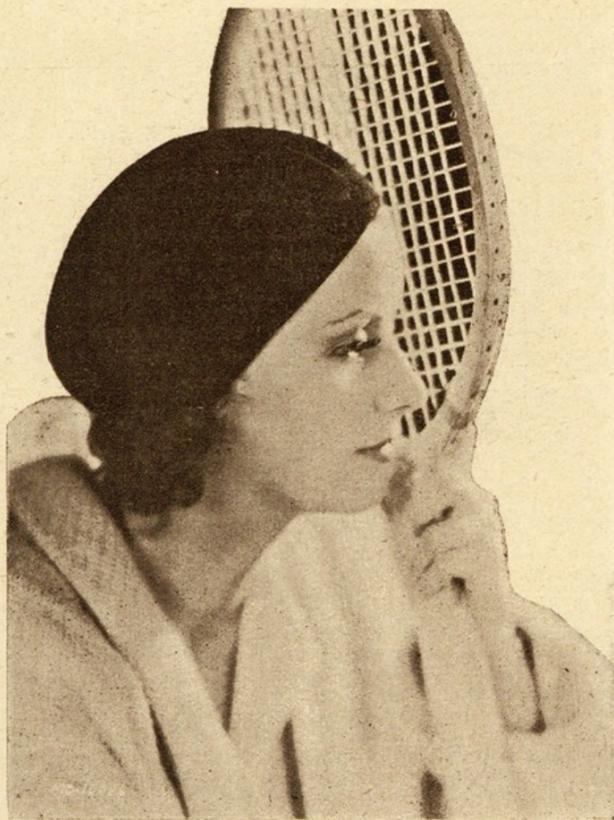
Mas o espectáculo continúa. O melhor vai agora começar para êsses milhares de pessoas que cobrem a nave quasi completamente. E' um filme com Ricardito, velhíssimo. As legendas são lidas com grande borbório. A' aparição de Richard Talmadge, o público reconhece-o logo e manifesta a sua alegria em vê-lo. O filme não vale um caracol, mas para o final há uma série de correrias, de saltos, de perseguições de que Ricardito é herói. Levanta-se uma gritaria medonha. Como as palmas parece não chegarem para exteriorizar todo o entusiasmo, muitos batem, também, ruidosamente com os pés. Manifestação brutal mas sincera. A gente que enche a nave forma um bloco que ri, que aplaude de contentamento. Que lhes importa Joana d'Arc? Que lhes importa uma alma torturada? Afições teem-nas êles em casa. O que querem, aqui, é apreciar e aplaudir actos de bravura dum herói que todos gostariam de incarnar. A' «cinefilia» mórbida de certo público elegante e educado, as massas populares opõem um entusiasmo fácil mas sadio, que se comunica e que lhe é particular.

O filme acaba com o beijo clássico. Todos se levantam um bocadinho precipitadamente; mas que querem? A maior parte dessa gente é rapaziada impulsiva, cheia de vida, irrequieta. Discute-se o último filme. Trocam-se opiniões e trocam-se encontrões. E perto de mim, já à saída, um rapazote de treze anos, se tanto, diz para outro, num cálio pitoresco: «Êste gajo é um giro dum artista... mas há poucas cenas de taponas...»

(1) Léon Moussinac.

Aqui está um artigo em que não se torna necessário apresentar a artista. O nome basta. Todos a conhecem. E a fotografia é suficiente para quem não se deu ainda ao cuidado de ir olhá-la no «écran», a janela da ilusão. Mas, pode lá haver interessado pelo cinema, por mais insignificante que seja, que não conheça Greta Garbo! Ela é um nome comum que anda de bôca em bôca, que no campo feminino conquistou quasi a vulgarização de Charlot. (Note-se: o confronto, aqui, é relativo apenas à popularidade). Pois Greta é no cinema o árbitro da elegância e do amor, dêse amor violento e fatal. E' o sonho ambicionado de tantas cinéfilas e cinéfilos. Aquelas porque desejariam possuir também aquele fluido atraente da sua figura; êstes porque gostariam de amar uma mulher assim.

A sua vida foi simples e pacata nos primeiros tempos; uma pequena vulgar como tantas por cá, correndo dia a dia para o atelier de costura a ganhar o pão. Há porém na vida de tôdas as *midinnettes*, alegres e de aspecto despreocupado, uma ambição, um sonho que, tôdas as noites, no calor de sua casa, longe da agulha mágica que transforma farrapos em vestidos deslumbrantes, elas acalentam e excitam com a leitura de romances ou das revistas. Greta Garbo era assim, vulgar como tôdas: queria ser actriz. Conseguiu-o e isto já não é tão acessível a qualquer. O cinema despontava então na Suécia para essa actividade notória que o deu a conhecer ao mundo, agrandando pela sua estrutura puramente nacional e característica, creadora da bela escola cinematográfica nórdica. Greta Garbo sob as mãos do realizador Mauritz Stiller passou ao desempenho ante a objectiva que mais tarde devia celebrizá-la no mundo. A car-



Greta Garbo é uma apaixonada do «tennis»

# A Vida Misteriosa de Greta Garbo

A vida da grande «estrela»  
Uma nova vítima de Hollywood

Qual será o seu fim?

reira da sueca de vulto estranho começou aqui, com «A lenda da Gosta Berting».

E' então que nos surge na Europa um empresário americano, Louis Mayer, em passeio de «pesquisas». Os americanos de quando em quando vêm até cá em busca de novos elementos artísticos, rotulando a visita de viagem de recreio. Aparentam uma extraordinária indiferença por tudo que é europeu e se nos levam uma Lily Damita, um Emil Jannings ou um Chevalier, falam duma experiência e dum acaso. Nós bem lhes adivinhamos o intento das viagens particularmente baseadas neste fim, mas deixamos Suas Excelências os Omnipotentes do Filme convencidos do contrário. E' preferível. Pois Greta Garbo foi por esta razão parar à América e felizmente para ela (?). Do contrário seria hoje conhecida, quando muito no seu país natal, onde há longo tempo o cinema vem estrebuchando na impotência da actividade normal. O «pesquisador» americano gostou dela e levou-a com o seu amigo Stiller, hoje morto, e que sempre foi um grande protector da notável estrêla sueca.

Greta Garbo passa pelas telas, bela, tentadora, fatal. Há milhares de olhos cravados naquela imagem com inveja. E no entanto... Que pobre mulher é ela! Uma vítima da banal, fria e bisbilhoteira Hollywood. Na cidade das películas a vida de cada um é conhecida de sobra e exposta frequentemente no estendal dos periódicos. Os próprios actores chegam a provocar actos e atitudes, que entre nós seriam equívocos. E quando não, lá estão os jornalistas a encarregar-se de os fantasiar. Tudo sob a desculpa por vezes escandalosa e irritante da publicidade.

Greta entrando a primeira vez na Cinelândia, ia já de sobreaviso. Os lábios cerrados o mais possível e evitar contra tudo a presença dos reporters. Estes estranharam-na. A mulher por êles alcandorada aos pináculos da fama e adulada universalmente lançava-os, assim tão esquiva, no nada àcerca da sua pessoa. Era impossível. Começou então uma espionagem aturada dos jornalistas a aborrecer a jovem sueca. E se até ali falara o que mandava a delicadeza, resolveu encerrar-se num mutismo absoluto. A atrevida indiscrição dos americanos irritava-a. Mas os reporters inventavam; primeiro que Greta Garbo e Mauritz Stiller se davam demasiado bem e se achavam sempre juntos, isto com umas insinuações; depois que ela se apaixonara pelo John Gilbert; e tantos outros casos com que bailam eternamente enquanto ela fôr garra da Cinelândia. Alvejam o vácuo gastando rios e rios de prosa.

Como ela foi parar à América.  
A razão da sua enigmática existência.  
o seu fim?

Greta Garbo tem uma única frase, para quem ousa perscrutar o seu íntimo. «A minha vida particular só a mim interessa». Isto desorienta e desconcerta os reporters submersos em profundas conjecturas. E involuntariamente a «estrêla» dá azo a que se fale infinitamente de si.

Greta foi para Hollywood com o único intuito, ao que parece, de trabalhar. Viu o ambiente da Filmelândia nada propício ao seu estado de espírito. Enquanto outras vedetas de menor fama que a sua até, se lançam entusiasticamente em tôdas as festas da colónia cinematográfica, se atiram doidamente para os clubs buscando a excitação do champagne em verdadeiras orgias, Greta deixa indiferente todos êsses prazeres prendendo-se na solidão de sua casa. Isto intriga de veras o mundo leviano do cinema.

Há no Boulevard de San Vicent em Hollywood uma casa cercada de ciprestes que impedem aos olhos de fóra divisá-la, dando ao lugar um aspecto de cemitério. Com efeito aquilo é um túmulo impenetrável à curiosidade de estranhos. Os ciprestes são os guarda-avançados de defesa da sueca que ali habita com duas criadas apenas e um grande cão, inseparável companheiro. Essa residência, para os Hollywoodenses, é um enigma. Quasi ninguém lá entrou e ela procura sempre evitar que isso se dê. Nas ruas, onde é raro andar, se alguém a reconhece e se lhe dirige, foge com esta resposta: «Não sou quem pensa. Eu não passo duma simples sueca. A outra só no cinema pode ser vista, porque só ali está o seu domínio».

A sua vida privada? Eis o que os jornalistas mais ou menos sinceros têm conhecido: Logo após o trabalho no estúdio, e quando não é necessário «posar» para o fotógrafo da publicidade da empresa, toma um automóvel e volta a casa.

A's vezes, passa dias seguidos no leito; outros, levanta-se cedo e depois dum banho expõe-se ao sol no seu jardim. Conhece-se a sua predilecção pelas longas horas de meditação, estática, olhando o mar, e ainda o extravagante gosto pelas largas caminhadas a pé ou a cavalo, debaixo de chuva, até se encharcar até aos ossos, para, de regresso a casa, tomar um banho quente e deitar-se a dormir. Procura fatigar o corpo para adormecer o espírito. Tem crises agudas de melancolia durante dias seguidos, afastando-se do mundo, incapaz de trabalhar e de suportar, por vezes, a presença de alguém.

O jornalista André R. Maugé, falando desta estranha artista, teve uma frase excelente que não resisto a traduzir:

«Esses nervos que fazem dela uma antena vibrante, que lhe permitem, no écran, atingir os paroxismos do amor e do desespero, de manifestar com uma extraordinária clareza as mais duras «nuances», tomam em seguida a sua desforra; fazem-na levantar-se de noite, obrigando-a a passear durante quilómetros e atormentando-a de fadiga, do desgosto de viver que a mergulha no abismo da desilusão e lhe dá êsse vinco amargo dos lábios, bem nosso conhecido».

Maugé mostra-no-la assim, como uma doente, escrava da actividade dos estúdios. E quem sabe se agora ela não sentirá saudades dos seus tempos de humilde costureirinha de Estocolmo?!

Nós porém, vemos aqui um pouco mais. Esta existência estranha de Greta Garbo faz-nos pensar no caso de Lya de Putti.

A recente suicida era uma mulher insatisfeita que buscava algo nunca alcançado. Disfarçava, no entanto, as suas preocupações íntimas com uma animação e satisfação artificiais. Corria entontecida pelo mundo fóra, na certeza de achar o seu ideal. Greta Garbo espera, gélida e indiferente, qualquer coisa que todo o mundo ignora. Não sabemos se se trata duma mulher desiludida da vida, ou se vive latente no seu íntimo sem expansões uma esperançosa ambição. Convencemo-nos às vezes dum fim trágico semelhante ao da malograda alemã, porque parece-nos impossível que uma mulher bela como ela é, gozando uma fama invejável, possa passar com indiferença na fantástica Hollywood, onde o trabalho é exaustivo, mas o prazer é imenso... para quem tem dinheiro, relêvo e fama.

J. ALVES DA CUNHA



Greta Garbo em «Mata Hari»

# CARTA DE PARIS

(Do nosso correspondente particular)

**La femme en homme** O duque de Bressy é um respeitável cavalheiro quasi octogenário, muito ágil todavia, mas tristonho e terrivelmente rabugento. Vive solitário na companhia do seu dedicado administrador, bom tipo mas verdadeiramente um pouquinho ingénuo. Seu filho morrera há anos, deixando, dum casamento que o velho vira com maus olhos, uma filha: Claude.

Claude não conhece o seu avô e vive em Bruxelas, onde, para ganhar a vida, trabalha como artista, travestida de homem, num cabaret da cidade. Por engano, é uma fotografia em que ela aparece disfarçada de rapaz que ela envia a seu avô por ocasião do seu vigésimo aniversário. O octogenário, contente por se saber avô, deseja conhecer o seu simpático neto e, acto contínuo, envia a Bruxelas o seu fiel administrador com o encargo de lhe trazer o jovem ramo da sua árvore genealógica.

Imaginem o espanto do enviado do duque quando em vez dum rapaz é uma interessante rapariga que se lhe apresenta. Atrapalhado, não sabe que fazer e sente fugir-lhe a coragem de levar consigo, para o castelo, uma rapariga, quando o duque esperava receber um adolescente que, mais tarde, perpetuasse o seu velho nome de família.

Claude, diante da aflição do homenzinho, e apesar de êle lhe pedir encarecidamente que fique em Bruxelas, veste-se de homem e parte com o administrador, bem contra a vontade dêste que, por nenhum preço, quere enganar o seu patrão. Mas a rapariga convence-o, e êles lá vão.

O velho duque recebe Claude de braços abertos, mas acha que «o rapaz» é franzininho. «Muito sport e uma boa cultura física farão dele um homem», explica êle ao seu dedicado servidor, que — vocês estão a ver — não parece muito convencido... E assim se fêz. Todos os dias a pobre rapariga, cujo sexo continúa a ocultar, esfalfa-se em lições de equitação, de box... o diabo!

Mas eis como as coisas se arranjam: O duque vai receber a inesperada visita dum velha amiga, a princesa Maria. Manda a etiqueta que uma senhora faça as honras da casa, mas, prevenido demasiado tarde, o octogenário não pôde, como costumava para idênticas cerimónias, chamar uma sua parenta. Que fazer? O velho atravessa um transe terrível, pois que vê dum lado chegar a princesa ao mesmo tempo que do outro lhe aparece Claude vestida de mulher. E a sua aflição aumenta ao constatar que a ilustre dama não se apressa a partir, pois teme que a cada instante se descubra que o seu neto esteja representando uma comédia, de mais a mais que o filho da princêsa parece estar seriamente apaixonado por Claude... Surgem diversas trapalhadas e por fim, com grande estupefação do velho, descobre-se o verdadeiro sexo de Claude, que não tardará a unir-se para sempre com o simpático príncipe. E tudo acaba bem no melhor dos mundos.

Para aqueles que se interessaram pelos filmes mudos, esta encantadora comédia não é desconhecida, pois devem lembrar-se que Augusto Genina já a realizára há muito tempo com Carmen Boni como principal intérprete. Desta vez esta jovem e linda artista adiciona ao encanto de suas maneiras o encanto de sua voz clara e cantante, tornando graciosíssima em virtude do seu acentozinho estrangeiro.

Armand Bernard é extraordinário no seu papel de administrador, fazendo-nos rir a valer com a sua magnífica interpretação. Não há uma única situação cômica de que êle não tire partido dum maneira perfeita.

André Dubose, que prima nas suas criações de velhote distinto, é um duque de Bressy dum rara qualidade. Muito delicado em todos os detalhes, a sua interpretação tornou-se por isso deveras notável e eu confesso que foi para mim um verdadeiro prazer revê-lo no teatro dos Embaixadores onde, na excelente peça de Francis de Croisset *Il était une fois*... desempenha mais uma vez um papel de velho duque ao lado da célebre artista Gaby Morlay.

**Grains de Beauté** Uma história sem nada de verdadeiramente extraordinário, mas bem aprazível. E' uma divertida aventura de que são

protagonistas Simone Cerdan — uma cativante mundana — André Roanne — um pobre marido — Jeanne Fusier — uma inarrável prima por demais viciosa — e Roger Treville — o pretendido amante que canta admiravelmente. Decors originais e de fino gôsto, assim como o mobiliário muito moderno que deve ser notado. Pierre Caron, o «metteur-en-scène», merece ser felicitado pelo trabalho que levou a efeito; deu-nos um filme alegre e bem medido, que se vê e ouve com agrado.

**Notícias em poucas linhas** Simone Cerdan, deu uma recepção nos salões do Hotel Claridge, na semana passada. Uma multidão de convidados não deixou um momento de se apertar em redor da célebre vedeta, que ofereceu a cada um o seu novo cocktail: *grain de beauté*. Aí está uma coisa que é original e de actualidade...

O recente filme alemão *Madchen in Uniform* (Mulheres em uniforme) deve, possivelmente, succeder a *La femme en homme*, na tela do Marigny.

E' Gim Gerard quem interpretará o papel de padre de *Mon Curé chez les Riches*, o filme que vai ser realizado pela Iris-Films, segundo a obra de Clement Vautel, grande romancista francês, bastante conhecido aí em Portugal.

Em Outubro, abrir-se-á, nos grandes Boulevards de Paris, mais uma nova sala cinematográfica. Este cinema, que comportará 3:800 lugares, vai ser baptizado com o nome de «Cinéma Poissonière». (Conclue na pág. n.º 14)



Uma imagem de «La femme en homme»

# Não se pode ser sincero em Hollywood

Eis o que afirma Robert Montgomery, o simpático interprete de «Inspiração»: «Não se pode ser normal em Hollywood, nem sequer ser honrado. Tudo têm que ser fingido. O público gosta dos seres incompreensíveis, que nunca permitam saber ao certo a sua verdadeira personalidade»...

Robert Montgomery, de facto, mudou muito desde que chegou a Hollywood. Ele já não é aquele moço simpático, ingénuo, inteligente e bem educado que nós conhecemos ao princípio. Nas suas conversas é lacónico, tendo inúmeros secretários que lhe dão o aspecto dum grande senhor. Recebe milhares de cartas dos seus admiradores e admiradoras. No entanto, não é esta a grande transformação de Robert. A suspeita permanente, em que êle vive, criou-lhe um rictus desenfreado no rosto. Os seus olhos azuis já não teem o mesmo brilho. As suas maneiras já não apresentam a espontaneidade de início. Ele mesmo confessa que agora lhe poderiam chamar cara de «poker», quere dizer, uma cara impenetrável que nunca deixa transparecer os seus verdadeiros sentimentos.

«Cheguei a descobrir, — diz êle, — que se vamos a uma festa e se nos conduzimos com alegria, e nos divertimos com as mulheres, dizem imediatamente que sômos um D. Juan. Se sucede o contrário, apelidam-nos de efeminado, de sombrio. Se por acaso nos encontramos de mau humor, por qualquer circunstância, dizem logo que sômos uns vaidosos, uns presumidos.



Buster Keaton (Pamplinas) aparece-nos brevemente em «Pamplinas de Pijama»



Robert Montgomery

Estou convencido que se vivesse em Hollywood dentro de uma casa de cristal, donde tóda a gente pudesse constatar que eu estava sempre lá, diziam imediatamente que não era Montgomery que estava lá dentro, mas sim um boneco com a sua figura».

Robert, é de facto um exemplo vivo do título que têm êste artigo. Das suas declarações tira-se a conclusão, de que, quem goza do favor do público não se pode descuidar nem sequer na sua fórmula de vestir. Hollywood está atenta aos menores gestos. Todos se julgam no direito de interpretar a seu talante os actos do próximo. Uma «estrêla» têm que violentar-se, têm que manter-se no género de vida que alguém concebe. De nenhuma maneira poderá ser diferente, como os demais mortais. Ninguém perdoaria a uma «estrêla» o ser natural, o ser espontânea e sincera. Na realidade os artistas teem que estar sempre num alerta constante, acerca da sua conduta, dos seus mais pequeninos actos, do seu vestido, de tudo que quiserem. Tudo pode ser interpretado de fórmula diferente pelos jornalistas e *graciosos* que pululam nos bastidores daquela cidade do cinema e do escândalo. Hollywood, é a terra das atitudes inconcebíveis, do irreal.

Como os nossos leitores vêem, a vida dos artistas não é aquêle mar de rosas que todos julgam. Esta terra, sonhada por muitos, têm os seus espinhos, sendo um dêles, o ter que mostrar aquilo que não é e ser aquilo que outros querem. Robert Montgomery, actualmente um dos bons galãs da tela, há pouco elevado à categoria de «astro» pela M. G. M., mos-

(Conclue na página 14)

# UM ANO DE TRABALHO!

Há um ano que se fundou em Lisboa a AGÊNCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, LIMITADA. Doze meses bastaram para alcançar o lugar que hoje ocupa entre as primeiras casas distribuidoras de Portugal. Os seus filmes têm merecido a atenção favorável da crítica cinematográfica, dos senhores exibidores e do grande público, que os tem acolhido carinhosamente.

Lembremos alguns dos mais brilhantes sucessos da sua selecção, até hoje exibidos:

**O Caminho do Paraíso**

**O Milhão**

**Às Ordens de Vossa Alteza**

**Anny Faz Tudo**

**Matou!**

**O Congresso Que Dança**

**O Rei da Graxa**

**Anny na Alta Roda**

**A Tragédia da Mina**

Tal foi o resultado de

**UM ANO DE TRABALHO SEM "BLUFF"**

E, agora, --- eis a lista do 2.º grupo de super-produções para a presente temporada:

**A TRAGÉDIA DA MINA** -- Produção Nero-Film, realização de G. W. Pabst.

**A PRINCÊSA ENCANTADORA -- (Ronny)** -- Cine-Opereta da Ufa, com Kathe de Nagy e Marc Dantzer.

**TRAIÇÃO!** -- Film dos «bas-fonds» de Berlim. Produção Erich Pommer, da Ufa, com Charles Boyer e Florelle.

**DOIS NUM AUTOMÓVEL -- (Paris-Méditerranée)** -- Comédia sentimental de Joë May. Produção Pathé Natan, com Annabella e Jean Murat.

**DOIS CORAÇÕES A COMPASSO** -- Comédia musical da Ufa, com Lilian Harvey e Henry Garat. Realização de W. Thiele.

**ESCORREGAR NÃO É CAÍR** -- Filme-vaudeville da Ufa, com Jeanne Boitel e Richard Willm.

**ATLANTIDA** -- Produção Nero-Film, extraído do célebre romance de Pierre Benoit. Realização de G. W. Pabst, com Brigitte Helm e Pierre Blanchard.

---

Total: 7 super-filmes, todos em francês, das mais afamadas marcas e com os artistas e realizadores mais apreciados do público português.

Eis o final de temporada que, em obediência às já conhecidas tradições da sua casa, oferece aos senhores exibidores e ao público em geral a

**AGENCIA CINEMATOGRAFICA**  
**H. DA COSTA, LDA**

245 -- AVENIDA DA LIBERDADE -- 245

LISBOA

Telefone: NORTE, 3599

End. Tel. AGENFILMES

## PROFECIA QUE SE CUMPRE

Os nossos leitores, aqueles que seguem passo a passo o caminhar da «Invicta-Cine», a revista de todos os cinéfilos, devem recordar-se dumas entrevistas que eu e o camarada Alves Costa fizemos em Junho do ano passado, a primeira com a linda Orbela, Rainha das Costureiras de 1931, e a outra com uma gentil concorrente que não foi classificada, a menina Maria Celeste Soares Meireles.

Pois já nessa altura a achamos linda, merecedora de, pelo menos ficar, como primeira Dama de Honor. Não aconteceu assim. Os juris no grande desejo de acertar agradando a todos ou à maior parte, nem sempre veem bem.

A interessante Maria Celeste, talvez porque o vestido que usava a não ajudasse a brilhar, não fez figura, ficou no esquecimento como tantas outras.

Só nós reparamos nela, fixando bem os seus encantadores traços de beleza, a sua *franjinha*, os seus lindos olhos agarotados e aquele sorriso que tão bem e tão forte sabia prender.

No jornal *A Montanha*, onde trabalho quotidianamente, dirigi-lhe por várias vezes a palavra, aconselhando-a a não perder a esperança, a ter fé nos seus dotes, a esperar pelo concurso d'êste ano.

Esperou. E cumpriu-se a nossa profecia, filha do nosso fraco espírito crítico, da nossa alma de esteta, da nossa grande paixão pelo cinema.

Porque de quási tôdas as concorrentes ao trono de Rainha das Costureiras, a gaiata Maria Celeste é a que tem mais dotes de fotogenia, podendo enfrentar qualquer objectivo na certeza de marcar, ficando sempre elegante, sempre bonita, sempre Rainha.

E depois é uma distinta cinéfila, com opiniões formadas, frequentadora dos nossos salões, gostando do Chevalier, do Charlot e tendo na mesinha do seu quarto de rapariga, muito resguardada, uma grande foto da Clara Bow, uma outra Rainha como ela, com os seus vassallos fieis, adoradores eternos, que como eu faço a Maria Celeste, lhe beijam as pontinhas dos dedos lindos, como humildes servos.

E L O U B E T .



A. C., a Rainha das costureiras de 1932  
e E. Loubet

## ESTREIAS DA SEMANA

**Anny na Alta roda** Uma deliciosa comédia musical girando à volta duma singela anedota, mas tôda recortada de primorosos detalhes cómicos. Aqui há mais ironia do que graça.

Há troça à maneira de René Clair, quer na escolha dos tipos, quer no desenrolar dos acontecimentos, quer no emaranhado das situações. O juiz condemnando o seu companheiro de esturdia da véspera por uma falta que êle também cometera, o cantor maniaco teimando em entoar os seus madrigais, o director da prisão embriagando-se em companhia do homem que devia ter encarcerado, o guarda do calaboiço, bêbado e simplório, são figuras e cênas que aproximam, em muitos pontos, Karl Lamac de René Clair. Simplesmente Clair é mais delicado, mais subtil, mais mordaz.

Todo o filme é graciosíssimo, desfiando-se de ponta a ponta num sorriso. Anny Ondra, cujo mau francês acentua a gracilidade de sua figura e de suas maneiras, é a Anny Ondra, de sempre, essa extraordinária fantasista que nunca me canso de admirar e que o público português justamente aprecia. A seu lado, um homogêneo grupo de artistas, todos muito dentro dos seus papéis, à excepção de Petrovitch cujo desempenho toca a falso.

**A Princesa Encantadora** Conquanto não seja o género fonocinematográfico que eu mais aprecio, uma boa cine-comédia musical conquista quási sempre o meu agrado,

sôbretudo se à sua confecção presidiu um apurado bom gosto a par dum inteligente cuidado na mise-en-scène. *Ronny*, que sem ser bom cinema é um agradável espectáculo, só têm de fraco o cenário, aliás singelíssimo como são sempre as histórias d'êste género, onde a fantasia, a beleza visual, a graciosidade ou a ironia se dão as mãos, não para constituírem uma obra que nos obrigue a meditar, mas sómente para fazerem correr diante de nossos olhos uma série de quadros risonhos e amáveis que deixem repousar o espírito em alguns momentos descuidados. De resto *A Princesa Encantadora*, longe de ser obra excepcional mesmo no género, agrada sem dificuldade, dispõe bem e, confessemos, não está mal feita.

Reinhold Schunzel, que nunca conseguira ser grande realizador, foi mais feliz desta vez, compondo um filmezinho harmonioso, bem medido, bem interpretado, bonito, pôsto que um pouco inspirado em precedentes trabalhos de outros realizadores. E' que sêr original não é tão fácil como pode parecer... Kathe de Nagy vai lindamente, percorrendo todo o seu papel com segurança. Além disso é graciosa e têm uma bonita voz, à qual um sotaquezinho estrangeiro dá um maior encanto. Lucien Callamand — que ainda há dias vimos em *Noites de Veneza* — é um cómico de valor cujo nome merece ser retido. Lucien Baroux: um elemento a matar para êste género de filmes. Marc Dantzer, um pouco apagado, muito sóbrio mas simpático. Tenho a impressão que não há-de ir longe. A' volta d'êstes, um excelente conjunto bem manejado.

A música, os decors, o guarda-roupa, os bailados, e sôbretudo a fotografia primorosa de Fritz-Arno Wagner, são elementos que contribuem duma maneira preponderante para fazerem de *Ronny* um filme de agrado.

A L V E S C O S T A .

O conhecido realizador Augusto Génina, vai produzir um novo filme cujo argumento é da autoria do grande dramaturgo Henry Bernstein.

# Do Cinema ao Teatro

## MARIA SALOMÉ uma artista que o teatro raptou

É frase velha, já lugar comum demasiado batido, quando se diz que o cinema vai buscar as suas artistas, as suas *estrêlas* aos palcos dos teatros onde elas já são alguém.

Nos cafés, nas pequenas tertúlias dos actores desempregados — pois os outros não teem tempo para conversas dêste jaez — na Chic ou no nosso Leão d'Ouro, aqueles que do palco ou do pano branco não teem umas leves noções de mau espectador, costumam atirar para cima dos realizadores, a culpa da tremenda crise que os nossos teatros atravessam.

— Pois se êles levam para o cinema o que de melhor o teatro tem! . . .

Ora nem sempre é assim.

A's vezes dá-se mesmo o contrário, para prejuizo das já diminutas hostes de cinéfilos. O teatro vai muitas vezes buscar ao cinema os elementos de que carece, não falando já dos valores de encenação, da música, de *trucs* de *mise-en-scène*. E' ver qualquer revista, por exemplo as duas últimas que o Pôrto pôde apreciar: «Ai-ló» e «Vamos ao Vira». Teem quadros inteiros que se referem ao cinema, com cenários alegóricos, com fantasias, com *teatralização* (chamemos-lhe assim) que pertence à cinematografia.

Os artistas, são também, quando isso é necessário, recrutados entre artistas que já serviram a *pantalla*. E a piada, a *blague*, até esta que é o suco, o forte das revistas, diz das coisas do sonoro ou do mudo, tentando puxá-los para o ridículo, como certos combatadores que só sabem lutar com graçolas de mau e sujo espírito.

E que nos conste, ainda nenhum cineasta esturrado disse nada aos valorosos *teatrófilos* que beliscam o cinema, sentados com comodidade na Chic ou no Leão d'Ouro a bebericar chavenazinhas de café.

\*  
\*  
\*

Nós sômos, com um pequeno grupo que ficou firme e que sempre lutou *contra lódas as procela*s, dos antigos cinéfilos que assistiram ao auge do cinema português. Estava então em plena e máxima laboração o estúdio do Carvalhido, com Rino Lupo, o artista tão discutido e apoucado, à frente, atirando obras, fazendo filmes.

Foi lá que conhecemos a actriz que hoje nos faz escrever estas linhas.

Maria Campos — quem não conhece Maria Campos, a curiosa *característica* que ilustrou tantas produções? — fazia um novo papel, uma velha divertida, na «Carminha, flôr da Galícia» que Portugal nunca viu.

Tôdas as manhãs, para o estúdio, acompanhava-a sua filha, uma linda garôta, franzina e elegante, muito loirinha e muito meiga, com uns grandes olhos claros e um eterno sorriso a bailar-lhe nos lábios.

*Mariazinha* era como a conheciam todos os que frequentavam a «Invicta».

Quando começaram as filmagens e Rino Lupo, de megafone e apito, dirigia as figurações, nós ficamos cá atrás sentados ao lado da *Mariazinha*, conversando, falando dos filmes que ela via fazer com interesse, com mais curiosidade do que a que era de esperar dos seus poucos anos.

E entre duas garrulices de meúda despreocupada, fixando muito os olhos nos reflectores brilhantes que quasi cegavam, para os fechar molemente, vencida pela fôrça de luz muito crua, dizia desejosa:

— Muito gostava de também trabalhar! . . .



Maria Salomé

Um dia  
Rino  
Lupo  
precisi-  
soudela.

Chamo-a  
lá para  
o canto  
onde  
nos en-  
contrá-  
vamos. *Mariazinha* ensaiou com rapidez e na prova final encantou quantos a viram. Filmou. Rino Lupo disse-me depois, com o seu ar bonacheirão e condescendente:

— E' uma artista, promete. Se fizer mais algum filme em Portugal ela trabalhará. Há muito a esperar da *Mariazinha*.

Passaram-se anos. Lupo à custa de muitas canseiras consegue dar as primeiras maniveladas do «José do Telhado». Maria Campos faz com grande brilho uma velha taberneira, emprestando-lhe o que de melhor as suas possibilidades artísticas dão. A *Mariazinha* já mulher, continuando loira e linda, uma bela mocidade cheia de vida, tinha sido agarrada pelo teatro, dando os seus primeiros passos no Avenida numa revista brégeira.

Impossível fazer nada no «José do Telhado». Como Rino Lupo, no cinema, um revisteiro descobriu-a para o teatro. Tinha tôdas as possibilidades de vencer, venceria.

E assim, quando há dias a fômos ver e ouvir ao Teatro Rivoli, elegante, duma grande gentileza, de personalidade inconfundiavel, já na plenitude e compreensão do seu valor como actriz de teatro ligeiro, musicado, pensamos que ao contrário do que aqueles **actores** de café dizem a alta voz falando nos **roubos** que o cinema faz ao teatro, muitas vezes é êste que vai tirar ao cinema as suas mais prometedoras glórias.

Maria Salomé, que tem um lugar marcado nos palcos de revista, podia ser hoje uma *estrêla* de primeira grandeza. Não o é porque infelizmente o cinema não existe entre nós. O Lupo está na Itália, o velho e glorioso estúdio de «Invicta-Filme» foi leiloado e o Teatro, êste teatro que a crise de valores e só esta, tenta matar, — os maus autores a escreverem más peças, os maus artistas a representarem peor e os *desempregados* associados em pacotilha de línguas destravadas a envenenar o ambiente — precisa dela, do seu valor artístico, da sua personalidade, do seu eterno sorriso.

E M Í L I O L O U B E T .

---

Vão ser dadas as primeiras voltas de manivela de um filme, o qual nos historia a vida do grande marechal Foch. Serão apresentadas algumas cenas da grande guerra.

---

Clarence Brown que dirigiu o filme *Inspiração*, está produzindo nos estúdios da Metro *Letly Lynton* com Joan Crawford, Robert Montgomery e Nils Asther.

# FITAS FALADAS

Um amigo meu — daqueles malévolos amigos que me procuram popularizar à força de partidas simples e dobradas — fez constar nos meios onde o intelecto e a cinematografia caminham de pés dados, que uma importante produtora norte-americana me incumbira de organizar uma colecção de argumentos para a realização de filmes falados em português.

Não imaginam vocês, leitores e leitoras, como tenho sofrido, desde o lançamento dessa valente *bucha*, os assaltos permanentes dos futuros argumentistas de Portugal. São tipos de tôdas as fôrmas e feitios, magros, gordos, morenos, pálidos apenas iguais no desejo de exportarem para o país das fitas algumas toneladas de argumentos que estão peijando as gavetas das suas mesas.

E que formidáveis argumentos e argumentistas me têm aparecido.

Um dos primeiros foi um *matolas*, policia, cinéfilo em bruto, que me apresentou a ideia de filmar os *Lusiadas* que, segundo lhe consta, foi escrito por um tipo que inventou o caminho mais curto para a Índia.

Procurei convencê-lo de que eu nada tinha que ver com o caso que êle me expunha:

— Tenha lá paciência, — retorquia o agente da autoridade — o senhor pretende esquivar-se...

— Eu... de fôrma alguma...

— Pois é como lhe digo!

— Nada. Nada. Está enganado, é fácil de ver...

— Se o dever é fácil, então tem que cumpri-lo.

O senhor mais os redactores dos jornais *cinéfiles* são os que percebem lá dos *ângulos*, da *ténica* e da *mânica*. Eu sou o vigilante da ordem, e quando a ordem é dar p'ra baixo, cá estou no meu lugar, quer seja no cinema ou na esquadra, sempre pronto a dar *óxtilio* aos *cinéfiles*. Aparafusei esta ideia dos *Lusiadas* como o senhor Leitão de Barros desarrincou a «Severa». Vou organizar um estúdio e construir uma companhia de cinema. O senhor ri-se? Há de ver... Tenho tudo em preparativos, há policia sinaleiros, policia administrativos, policia camarários e policia cinéfilos. Os policia cinéfilos são os que fazem as fitas, os que vão ao cinema e os que fazem continência ao senhor Leitão de Barros. São os que me encorajaram para vir ter com o senhor para defender a filmagem dos *Lusiadas*.

— Basta! — Gritei eu. — Não há dúvida que o senhor, pelas qualidades reveladas, é um autêntico exemplar da raça humana. Eu é que não posso aturá-lo por mais tempo.

Voltei-lhe as costas e desandei para a baixa.

A' tardinha, quando comprei o jornal, li com espanto a noticia de que um guarda da policia havia sido, súbitamente, atacado de cinéfilite mental e que se tinha pôsto em fuga quando era conduzido para o hospital do S. Luiz Cine para ser submetido aos cuidados do Dr. Ricardo Jorge.

\*  
\*  
\*

O fundo do *Diário de Noticias* de sexta-feira santa, ocupava-se, num artigo sem assinatura, do cinema português. Por mera curiosidade deparei com êsse artigo, pois não tenho o hábito de cheirar todos os dias os fundos dos jornais. Nem fundos dos jornais, nem os fundos de ninguém.

Referia-se o artigo aos trabalhos de Leitão de Barros, em prol do estúdio nacional, e quasi no fim, lia-se:

« Bem haja, por isso, a organização em marcha e, segundo nos consta, já com todo o seu capital subscrito, o que nos apressamos a dizer para afastar de qualquer espirito a ideia de que o motivo do nosso pensamento possa ser ditado pela simples propaganda mercantil e não por um bem mais alto pensamento de ordem nacional ».

A meu ver parece-me que é um pouco arriscado estar a contar como certo o dinheiro que apenas está prometido. E a propósito vou contar-lhes um caso verídico, idêntico ao do estúdio, e que se passou no Pôrto.

O meu amigo Serapião arranjou um grupo de capitalistas para financiar um negócio de venda de pevides e amendoins que êle pretendia explorar à porta de uma casa de *comes e bebes*, ali para os lados do Barrêdo. O capital necessário eram doze mil reis — o suficiente para comprar a mercadoria e os apetrechos para a sua venda. No entanto, apesar de ser um negócio que logo à primeira vista se vê que é: *toma lá o capital, dá cá o lucro* — os capitalistas desapareceram para nunca mais serem vistos.

Agora, outra coisa, senhor futuro director do estúdio, não ridicularize depois a produção portuguesa recorrendo aos arquivos históricos ou às páginas da história de Portugal, para extrair argumentos para os primeiros fonofilmes. Não imagina como os portugueses seriam ridículos fazendo a figuração para um filme das descobertas do Brasil ou do caminho marítimo para a Índia. Só por si, o tratamento na segunda pessoa do plural era o suficiente para deslocar a plateia do São Luiz para a realidade.

Façamos filmes de alcance social, filmes à Pabst, filmes como *4 de Infantaria*, *Malou*, *A Tragédia da Mina*, ou, ainda, filmes como *A Linha Geral*, *O Presídio*, etc.

Mas agora reparo — para fazer destes filmes não é preciso haver um estúdio. Para uma *Linha Geral* não precisamos mais do que mulheres desdentadas, com cara de expressão idiota, e bois de bôca aberta, com a língua de fóra; e para um *4 de Infantaria* não é preciso mais do que umas casas sem telhado e uns montes de entulho no chão a fingir que foram uns prédios que se desequilibraram com o susto de ouvir estoirar as granadas.

E neste caso é melhor não se construir nenhum estúdio, e voltarmos todos a ocupar os nossos antigos lugares de combatentes. Os que se batiam pela construção do estúdio, continuam a bater-se, que iam muito bem. Aqueles que diziam não ser desafogada a situação financeira do país para os capitalistas se abalançarem a tamanho empreendimento, continuem a dizê-lo, que eu continuarei a apreciar a *emissão* de uns e os *diz-se* de outros, e, assim, tornar-se-á mais pitoresco e mais movimentado o movimento cinematográfico português.

DOUGLAS FAZ... BANKOS

Lil Dagover e Otto Gebuhr, serão os intérpretes de *A Dansarina de Sans-Souci* que o realizador Zelnik vai produzir.

Pierre Cuvier, vai produzir nos estúdios *Tobis*, o filme «Les Deux Canards», original de Tristan Bernard e Alfred Athis.

**Cinéfilo debutante** — Apresentados os seus cumprimentos de parabens. Em nome da revista, muitíssimo obrigado. Conheço de leve a pessoa de quem fala. É simpática mas cheia de engrimação... o que não é para admirar. Isso de ter meninos está muito em moda no mundo das «estrelas» (ao contrário do que pelo resto do universo se vem fazendo; fazendo é como quem diz: não fazendo nada). Ora veja. Só ultimamente: Bessie Love teve uma garota de que é pai um senhor chamado William B. Hawkes. Glória Swanson está prestes a dar à luz. Dolores Costello, idem (também depois que casou com John Barrymore, não tem feito outra coisa). Bebê Daniels teve um bebê recentemente. E até o Wallace Beery... não se admire, não é o que julga... esse não deu à luz coisa nenhuma, mas adoptou uma orfãozinha. Escreva sempre. Quando quiser palestrar não tenha medo, venha ter comigo.

**Sou uma besta** —!! Habemus confitemur reum! Pelo que conta não é bem caso para o amigo se considerar «uma besta», mas se tem assim tanto empenho, não serei eu quem me oponha...

**Manhoso** — Era escusado dizê-lo. Vi logo que você era um perguntador versuto pela maneira como fez o seu questionário. O bônus que damos para o «Olímpia» é para o cinema desta cidade. Logo, não lhe serve. As direcções de Kate von Nagy e de Lilian Harvey vêm no último correio. Queira ter a maçada de procurar no número anterior. A terceira pergunta não respondo porque eu ainda sou mais esperto que você... Tenho dado algumas direcções de artistas para o «Standard Casting Directory» mas é pouco recomendável escrever para lá. Desconfio que a maior parte das cartas que lá cáem vão para o cesto dos papeis velhos...

**Zopi** — O caso que aponta merecia uma severa pateada. É um descuido do operador, imperdoável. Mas olhe que um facto análogo aconteceu num cinema de primeira categoria quando da estreia do sonoro. Imagine que passaram uma parte, acompanhada com o disco da parte seguinte! O que valeu foi o filme ser só musicado e com ruídos e a coisa passou sem ser muito notada.

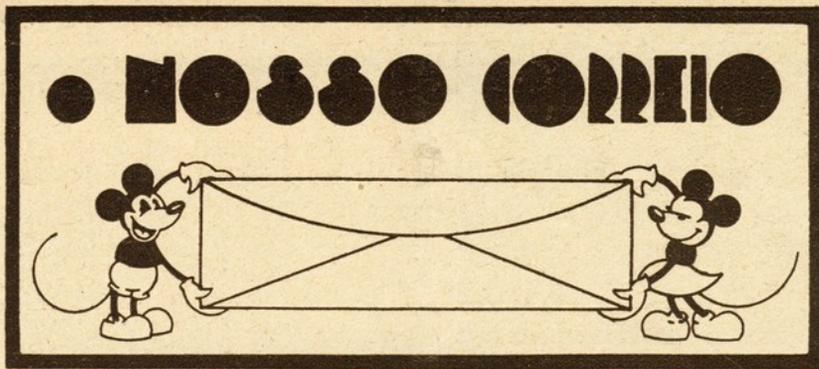
Não lhe posso valer. Se o meu amigo não quere estragar a revista e quer aproveitar o bônus, tem uma solução: compre duas *Invictas*. Como você queria causa-nos um transtorno dos demónios, creia. Tudo são complicações e demoras, e já à pressa é feita a revista.

**O homem do chapéu branco** — Olá seu alfacinha amigo! Dê cá um grande abraço pela sua carta, pelas suas palavras amáveis e amigas e pelas suas exortações. Há cerca de dois anos que assisto à sua fidelidade, por isso não é um abraço, são dois abraços que você merece. E apareça sempre. Vem aí *Dois Corações a Compasso* com a «sua» Lilian Harvey. Você deve estar radiante...

**Bibok** — Beijo as suas mãos, simpática desertora. Tenho uma muito vaga ideia, na verdade, de já ter recebido, há longo tempo, uma ou duas cartas suas. Não foi você que me escreveu uma carta toda cheia de palavras terminadas em oque? Que tem sido feito de si? Porque foi, sua marota, que esteve tanto tempo caladinha? Você foi muito bonita por não ter deixado passar o nosso nono aniversário sem meia dúzia de palavras amigas encorajantes. O Director e todos nós agradecemos-lhe muitíssimo as suas felicitações e eu espero que de quando em quando se dê ao incómodo de vir palestrar um bocadinho conosco. Valeu? Então até breve, sim?

**Rosa Desfolhada** — Vejo que as nossas amiguinhas, ainda que guardando silêncio por tempos sem fim, não se esquecem de nós. Obrigadíssimo pelos seus cumprimentos de parabens.

Você continua a ter uns pontos de vista muito sensatos e é pena que, metida aí em Leiria, tão mal possa cultivar o seu gosto pelo cinema. Faça como no ano passado. Vá dar uma fugidinha a Lisboa. Ou então, venha até ao Pôrto...



*Eu só gosto da Lilian Harvey* — E eu também! (Nesta altura uma pessoa minha conhecida deu um pulo...) Lilian é uma artista infatigável... e uma verdadeira mina de ouro que a Ufa descobriu. Imagine que ainda noutro dia acabou um filme e já está trabalhando noutro: *Quick*, dirigido por Robert Siodmak, o realizador de *Em redor dum inquérito*. Não sei se ela agora costuma ou não mandar fotografias. Dantes mandava, às vezes. Eu tenho aqui um retrato dela com um autógrafo, que, se você visse, ficava maluco... Mais maluco do que ficou o Alberto Pereira, que até me pediu emprestada para a publicar na capa do falecido *Espectáculo*! Escreva-lhe para a «Ufa», Kochstrasse, 6-8 Berlim S. W. Alemanha.

**Joaquim de Abreu** — Clive Brook é um grande artista que tem em mim um dos seus maiores admiradores. Tem andado a passear em Inglaterra mas já regressou a Hollywood. Continuou a não saber quando será exibido entre nós o filme de Chaplin *Luzes da Cidade*. Vontade de o ver, garanto-lhe que não me falta. O que vale é que as obras de Chaplin nunca envelhecem, ainda que isso custe aos bem dispostos camaradas da *Imagem*.

**Um descontente** — Também eu não acho que lá por ser «semana santa», nos preguem durante dois dias com vidas de Cristos e de santos por todos esses cinemas. Mas por outro lado temos compensações. Por causa dessa costureira tive mais uma oportunidade de rever *A Paixão de Joana d'Arc* de Dreyer e tive a ocasião de me divertir a valer com uma *Vida de Cristo* que vi no «Aguia». Imagine um fitilhão com cerca de dezoito anos de idade, interpretado por uns cavalheiros que faziam inveja aos Reizeiros da Maia, e tendo por figura central (é claro) um Cristo... mas que Cristo!... com umas côxas que, se não tivessem um aspecto tão flácido, poderiam substituir as da Saur... Você está a ver...

**Trindade Maldita** — Meus simpáticos amigos, não estou aqui para outra coisa senão para vos ser agradável. Então que mandam? Era Conchita Montenegro a artista que viram ao lado de Buster Keaton. Vê-la-hão de novo, e talvez dentro em breve, em *Sevilha de meus amores*. Dizem que neste filme vai muito bem. *Viva a Liberdade!* continua... sem liberdade... Sempre ao vosso dispor; não me aborreceram absolutamente nada, creiam.

**A Little Baby** — Não sei a que se quere referir. A sua carta parece-me um enigma mas dos mais complicados. Não se poderá explicar mais claramente? Escreva-me outra vez e conte-me isso doutra maneira. So long Baby!

**S. Fontes** — Sim senhor, com o maior prazer lhe darei a direcção de Dina Tereza (se é que ela ainda não mudou de casa): Largo do Bêco, 6 a 12 (Museu de Artilharia) Lisboa. Ao seu dispor.

**Mar-e-Alva** — Bons dias meu caro. Então que tem sido feito de você? Obrigadíssimo pelos seus parabens. Esteja tranquilo, distribuirei os abraços.

**Francisco Gomes** — Não senhor, eu não sou cinéfilo. E' como lhe digo. E, todavia, ninguém gostará mais do cinema do que eu. No tempo em que ser cinéfilo era uma coisa decente, era ser amigo do cinema, eu era cinéfilo. Quando ser cinéfilo passou a significar coisas muito esquisitas, deixei logo de o ser. Se você gosta de cinema não queira ser «cinéfilo».

**Um jovem apaixonado** — Isso é grave amigo. Tome duques. Não sei ainda quando é que *Tabu* será exibido entre nós. Sê-lo-á, todavia, esta temporada. Colette Darfeuil mora na rue du Théâtre, 78, Paris (18) França. Sempre é bom mandar ao menos os selos para a resposta. Não sei se manda retrato. Escreva sempre que queira e... espero que se cure dessa paixão.

**António Reis** — A Administração agradece a importância enviada. A sua assinatura fica paga até ao n.º 184. Grato pelas felicitações.



Uma imagem da cine-opereta «A Princesa Encantadora» (Ronny) que se está exibindo no Trindade



Uma imagem de «Inspiração»

DA «SAFO»,

DE ALFONSE DAUDET

À «INSPIRAÇÃO»,

DE CLARENCE BROWN

*Inspiração* — a notável realização de Clarence Brown, a exhibir em breves dias no CINEMA AGUIA D'OURO — é um filme falado em inglês, baseado numa das novelas mais lidas em todo o mundo, «SAFO», de Alfonse Daudet, obra literária, que, pela sua índole e tendências, obteve o mais ruidoso sucesso.

Cada filme da divina GRETA GARBO tem o condão de criar em tôdas as plateias mundiais uma expectativa forte e verdadeira, ao redor do qual se tecem logo numerosos diagnósticos. E porquê? Porque GRETA GARBO é a grande comediante que nunca se repete, e cuja sensibilidade artística lhe permite dar a cada papel a personalidade que a rúbrica exige. A sua extraordinária celebridade é, portanto, devida à fôrma como nos oferece os vários tipos que incarna, revelando-nos sensações sempre novas, como-vento-nos por fôrma indescritível.

ROBERT MONTGOMERY é o «leading-man» que melhor se poderia encarregar da parte de André. Esbelto, com qualidades artísticas apreciáveis, os seus recentes êxitos têm-no tornado tão apreciado e popular que a Metro-Goldwin-Mayer resolveu colocá-lo no seu firmamento estrelado. Demais, é sabido que GRETA GARBO se mostra sempre particularmente exigente na escolha dos galãs para os seus filmes; ROBERT mereceu bem a honra da escolha para actuar em «INSPIRAÇÃO», que não só foi ao encontro dos desejos de Clarence Brown, o realizador, como ainda se conjugou com os da grande artista. Os dois «astros» com LEWIS STONE, um dos actores cinematográficos que sabem impôr-se, por fôrma impecável, dão-nos um desempenho extremamente belo, aliado, com sábia intuição, às riquíssimas «toilettes» de GRETA GARBO, a interiores sumptuosos e às mais admiráveis imagens da vida parisiense, com o seu bulício e fausto tradicionais.

## Carta de Paris

(Conclusão)

Os membros da Associação dos directores dos teatros de Paris, reunidos em assembleia extraordinária em 21 de Março, em face da impossibilidade de suportar por mais tempo os pesados impostos que pesam sobre o teatro, decidiram por unanimidade fechar as portas de suas casas de espectáculo a partir de 29 do próximo mês.

Este lock-out de protesto estender-se-á por toda a França, não somente tomando nele parte os teatros, mas também os music-halls, os cinemas, etc.... afectando artistas, músicos, maquinistas, ou seja cêrca de 200.000 pessoas. Pensa-se que o govêrno não tardará a intervir.

Paris, 22 de Março.

G É O P O I R I E R

Não se pode ser sincero em Hollywood

(Conclusão)

tra-nos nas palavras atrás transcritas alguns «senãos» dessa terra da promessa. Os nossos leitores, que verão êste actor na próxima semana actuar no filme «Inspiração» comparceirando com outra «vítima» de Hollywood, Greta Garbo, vão ter ocasião de poder apreciar com conhecimento êste jóvêm artista.

Diamant-Berger, está dirigindo nos estúdios l'Eclair um filme de curta metragem o qual tem por interpretes Blanche Montel, Armand Bernard e Marcel Vallée. *Chassécroisé* é o titulo dessa produção.

Harry Piel, encontra-se em Nice filmando *Jonny enlève l'Europe*. Alfred Abel e Dary Holm desempenham papeis importantes. Piel, além de realizador, será também o principal interprete.

O filme pacifista *Les Croix de Bois* em exhibição no Moulin Rouge de Paris, tem obtido enorme sucesso. No primeiro domingo de exhibição rendeu essa produção cêrca de 100.000 francos.

# BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 9 de Abril de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 7 de Abril ou 9 de Abril de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 9 de Abril de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.



apresenta na próxima  
segunda feira o super  
fonofilme de Clarence  
Brown, baseado no  
conhecido romance de  
Alfonse Daudet, "Safo"

## INSPIRAÇÃO

---

A maior criação de  
glória da divina  
**GRETA GARBO**

---

COM  
ROBERT MONTGOMERY  
E LEWIS STONE



---

---

**PARA JÁ** -- As grandes produções sonoras com  
que a casa CASTELLO LOPES, Limitada  
acaba de enriquecer o seu formidável stock:

---

---

**UMA AVENTURA AMOROSA**

EM FRANCÊS, COM MARIE GLORY  
E ALBERT PRÉJEAN  
REALIZAÇÃO DE WILHELM THIELE

---

---

**ANJOS DO INFERNO**

EM INGLÊS E ALEMÃO, COM JEANNE HARLOW,  
BEN LYON E JAMES HALL  
REALIZAÇÃO DE HOWARD HUGHES.

---

---

**A VIRTUDE DE NICOLE**

EM FRANCÊS  
COM ALICE COCÉA E ANDRÉ ROANNE  
REALIZAÇÃO DE RENÉ HERVIL.

---

---

**A FERA AMANSADA**

EM INGLÊS, COM DOUGLAS FAIRBANKS E MARY  
PICKFORD -- REALIZAÇÃO DE SAM TAYLOR.

---

---

**O MISTÉRIO DA CASA FORTE**

EM ALEMÃO, COM HARRY PIEL E DORY HOLM.  
REALIZAÇÃO DE HARRY PIEL.

---

---

**O REI DA BANDA**

EM FRANCÊS, COM GEORGES MILTON  
REALIZAÇÃO DE LÉON MATHOT

**UMA MULHER NO PARAISO**

EM FRANCÊS, COM ANNY ONDRA  
REALIZAÇÃO DE C. LAMAC

---

---

**A CORRIDA PARA A LUA**

(TÍTULO PROVISÓRIO)

EM INGLÊS  
COM DOUGLAS FAIRBANKS E BEBÉ DANIELS  
REALIZAÇÃO DE EDMUND GOULDING

---

---

**O REI DIVERTE-SE**

EM FRANCÊS, COM ÉMILE CHAUTARD  
E FRANÇOISE ROZAY. REALIZAÇÃO DE LEÓN  
D'USSEAU E HENRY DE LA FALAISE

---

---

**A MULHER DE UMA NOITE**

EM FRANCÊS, COM FRANCESCA BERTINI  
E JEAN MURAT  
REALIZAÇÃO DE MARCEL L'HERBIER

---

---

**QUE VIUVA!**

EM INGLÊS, COM GLÓRIA SWANSON  
REALIZAÇÃO DE ALLAN DWAN

---

---

**NOITES DE VENEZA**

EM FRANCÊS, COM ROGER TRÉVILLE, JANINE  
GUISE E LUCIEN CALLAMAND  
REALIZAÇÃO DE ROBERT WIENE

---

---